ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



POTIGUARA

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

THYDÊWÁ

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

POTIGUARA

O povo da nação Potiguara é o verdadeiro autor deste livro. As ideias, opiniões e os sentimentos dos Potiguara estão expressados nesta obra através de textos e fotografias feitos pelos próprios indígenas Potiguara. A tecnologia social ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS é uma realização da ONG THYDÊWÁ, com a coordenação de Sebastián Gerlic que, com esta publicação, realiza seu décimo quinto título:

POTIGUARA.

Autores: Ailton Silva de Lima, Bruno Potiguara, Cacique Comadre, Capitão Potiguara, Gessé Potiguara, Irembé Potiguara, Ivanilda da Rocha Silva, Isaías Potiguara, José Medeiros, Josecy Potiguara, Luís Benedito da Silva, Magna Lima, Maria Antônia, Maria de Lourdes, Michele Benedito da Silva, Natali Galdino, Nathália Rafaela, Poran Potiguara, Raíssa Potiguara.

Participação: Amilton Fernandes da Silva, Cacique Alcides, Cacique Aníbal, Cacique Bel, Cacique Toinho da Carneira, Chico Potiguara, Danielle Lima da Silva, Itajaciana Maximiano da Silva, Josafá Padilha Potiguara, Manoel Pereira "Manezinho" Potiguara, Marcos Santana Potiguara, Natanael da Silva, Sandro Potiguara.

Fotografias: Bruno Potiguara, Gessé Potiguara, Irembé Potiguara, Peter Anton Zoettl, Raíssa Potiguara.

Organização: Sebastián Gerlic, Peter Anton Zoettl.

Projeto gráfico: Peter Anton Zoettl.

Consultoria: Derval Cardoso Gramacho.

Este livro foi realizado através do Programa BNB de Cultura, Edição 2010, Parceria BNDES com tiragem de 1.000 exemplares. A THYDÊWÁ quer registrar seu sincero agradecimento a todo o povo da nação Potiguara pela confiança. Agradecemos também o apoio do Ministério da Cultura e a colaboração de Atia Pankararu, Maria Pankararu, Alessandra Girotto.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Gerlic, Sebastián e Zoettl, Peter Anton (orgs.)
Índios na visão dos índios: Potiguara

Salvador: Thydêwá, 2011

1ª edição

Você pode copiar este livro ou trechos do mesmo, devendo mencionar o povo Potiguara como autor e citar o nome completo do livro. Não pode usá-lo de forma comercial ou criar obras derivadas dele sem autorização escrita do povo Potiguara. Este livro pode ser vendido por integrantes da comunidade autora e pela ONG realizadora com o compromisso de reverter os recursos obtidos na valorização das culturas indígenas.

Após um duro trabalho realizando entrevistas, dialogando com nossos parentes, podemos nos orgulhar do resultado: Um livro que possui histórias do nosso cotidiano e que mostra quem somos e onde estamos. A voz do nosso povo pode ser ouvida através dessas páginas.

Mulheres Guerreiras

Mulher sempre foi sinônimo de delicadeza e fertilidade, mas a mulher indígena mostra que pode ser mais que isso. Nós mulheres Potiguara somos as responsáveis pela continuidade de nosso povo. Nossos filhos são o futuro de nossa gente e por isso temos a tarefa de cuidá-los e criá-los seguindo os costumes Potiguara. Antes, as mulheres tinham a sua atuação restrita a cuidar dos afazeres domésticos e da família, mas com o passar do tempo começaram a perceber que podiam e tinham o dever de fazer mais.

Começaram a sair das cozinhas de suas casas e a trabalhar junto com as lideranças em prol de seu povo, mas sempre sofrendo o preconceito por parte dessas lideranças, que eram todos homens e não viam com bons olhos a entrada delas no movimento indígena. Insistentes nesse objetivo de ajudar sua comunidade, elas passaram a frequentar as reuniões, participar mais do Toré, envolver-se na política partidária e representarem suas aldeias.

as mais velhas às mais jovens, as mulheres Potiguara cada vez mais deixam suas marcas na história de seu povo mostrando a força da mulher indígena de diversas formas.

Exemplos de mulheres guerreiras Potiguara não faltam. Podemos citar Claudeci Braz, cacique da aldeia Monte-mór e vereadora do município de io Tinto (PB).



Temos também Itajaciana, que é conselheira tutelar, secretária da A*ssociação* T*oré* F*orte* e universitária e Maria Soares Gomes, mais conhecida como Comadre, mãe de três filhos, dona de casa, artesã e cacique da aldeia agoa do Mato.



Comadre já está há cerca de três anos como cacique dessa aldeia e conta que conseguiu grandes avanços durante esse período. esde pequena tentava se envolver nas lutas, pois, como ela mesma diz, "nasci no movimento".

"A gente tem que chegar à igualdade. Se não estivermos juntas com os homens como vamos conseguir algo " Ela diz que as mulheres aos poucos estão se organizando e, prova disso, foi o fato de terem sido contempladas com o *Prêmio Culturas Indígenas* com o projeto de revitalização da agoa Encantada.

Comadre conta que, juntamente com as demais mulheres, conseguiu apoio de entidades feministas do estado da Paraíba e também do próprio governo estadual para a realização de palestras sobre a saúde da mulher.

Elas sempre estão em atividade e para Comadre é esse o motivo de os homens de nosso povo hoje estarem aceitando melhor a participação das mulheres dentro do movimento indígena.

Agora as mulheres estão na busca de legalizar a *Associação Mulheres Companheiras da Aldeia Lagoa do Mato*, a fim de conseguir financiamentos para projetos de sustentabilidade a serem implantados em nossa área.

Essas mulheres integram o povo Potiguara e são parte do retrato da mulher indígena.

Ser mulher Potiguara é ter a delicadeza e a força em equilíbrio, é viver para sua gente. É ser, mãe, parteira, agricultora, marisqueira, conselheira tutelar, vereadora, artesã, cacique, liderança e acima de tudo uma guerreira.

Bruno Potiguara Caci ue Comadre
essé Potiguara Irembé Potiguara
Maria Ant nia aíssa Potiguara



Mangaba



Uma fruta que temos em fartura em nossas terras Potiguara é a mangaba. Ela é tradicional em nossa região e é nativa de nossa terra, pois nasce sem que a gente precise cultivá-la. A mangaba também é produto de venda colaborando com o sustento das famílias do nosso povo.

Maria Miriam da Conceição, mais conhecida como Ninô, moradora da aldeia agoa do Mato, está entre os tantos Potiguara que sobrevivem catando mangaba.

Além dessa atividade, Ninô para garantir o sustento da casa ainda desenvolve outras, como o artesanato.

"A gente trabalha dois dias para fazer quinze caixas de mangaba", afirma Ninô. Mas um problema dos catadores de mangaba em nossa área, inclusive Ninô, são os atravessadores. Após trabalhar duro eles vendem a caixa de mangaba em média por para o atravessador que lucra muito à custa dos catadores, revendendo a mangaba por um preço muito mais acima do que ele adquiriu.

Tentando desviar desse caminho, nossos parentes tentam aos poucos vender os seus produtos nas feiras da região, como é o caso dos senhores Epitácio e Carlos Ciríaco.

Seu Epitácio e seu Carlos, moradores da aldeia São Francisco, juntamente com sua família, sobrevivem da venda de produtos que cultivam e também da mangaba.

"Eu vendo frutas e também faço polpa de várias delas e levo pra cidade pra vender", afirma seu Epitácio, que todo sábado desce de bicicleta da aldeia para a cidade onde tenta garantir o pão de cada dia para sua casa.

Apesar de iniciativas como a de seu Epitácio e seu Carlos de venderem eles mesmos a mangaba, o que eles ganham não chega a ser metade do que o atravessador ganha à custa dos catadores, daí a preocupação de todos em buscar meios de acabar ou ao menos amenizar a presença dos atravessadores em nossa terra.

Um sonho que se busca concretizar é conseguir comercializar a fruta sem o contato com os exploradores atravessadores, fazendo com que a renda dos que

trabalham com a mangaba possa crescer e servir de sustento para cada vez mais famílias. Assim essa fruta que é tradição Potiguara estará presente por muito tempo entre nós.

Bruno Potiguara I*re*m*b*é *Potiguara*











Pintura Potiguara

Nossa pintura retrata a história Potiguara. Com ela trazemos no corpo a marca de nossos antepassados. É um meio de nos revestirmos de nosso valor cultural.
Todos os momentos em que vamos realizar o ritual do Toré existe a preparação anterior onde fazemos uso do Jenipapo e do Urucum para cobrirmos o nosso corpo.
A pintura pode representar um momento de reivindicação ou um ato de comemoração.
O Urucum traz a cor vermelha do sangue e força de nossos guerreiros antepassados e o Jenipapo nos oferece a cor preta da Mãe Terra, nossa fonte de energia.
Com o Urucum, a extração da tinta é direta da semente para o corpo. Nós o abrimos, esfregamos a mão na semente e passamos em nosso rosto. E o usamos mais em momentos de luta e reivindicações.
Com o Jenipapo, o processo de retirar a tinta é mais demorado, mas não é difícil, principalmente por ser feito há muito tempo por nossos parentes.

uiz Benedito da Silva, liderança Potiguara e ex-cacique da aldeia Cumaru, sabe muito bem como fazer isso, pois há muitos anos faz a tinta do Jenipapo e distribui entre os parentes.

uiz conta que para se extrair a maior

quantidade de sumo desse fruto é preciso que ele esteja ainda em fase de crescimento (meio verde), pois assim terá mais caldo. Tem que se ralar o Jenipapo, colocar suas raspas em uma vasilha.
Para cerca de 20 frutos deve-se acrescentar dois litros de água e colocar para descansar exposto ao sol.

urante três dias deve-se mexer de duas em duas horas sempre prestando atenção para ver se o caldo que se solta da massa está ficando com a cor forte. A água tem que ficar mais baixa do que a massa.

epois desse período a tinta é coada e se espreme a massa para retirar o caldo restante.
Após esse processo nossa tinta de Jenipapo fica pronta para ser usada.
Na maioria das casas temos uma reserva de tinta de Jenipapo para quando precisarmos.
Para nós Potiguara estar com nossos corpos pintados é muito importante para realizarmos nosso ritual.

Bruno Potiguara *essé Potiguara*
Irembé Potiguara *aíssa Potiguara*



Sinto orgulho de ser artesã

Eu me orgulho muito de ser uma artesã. Gosto muito do que faço, pois ser artesã é minha vida. Fico muito feliz quando vendo uma peça, e quando recebo elogios. O artesanato é muito importante na história de nós Potiguara, pois produzimos peças para o uso doméstico, para enfeitar o corpo durante o itual do Toré, como também para comercialização. A maior dificuldade que encontramos na confecção do artesanato é a própria semente. Com o processo de desmatamento e a queimada de forma criminosa esse recurso se torna cada vez mais difícil, levando ao seu desaparecimento. Temos uma outra dificuldade em relação às peças produzidas em nossa aldeias: não dispomos de um lugar adequado para a comercialização, e tão pouco os meios necessários para o transporte da nossa produção, que precisa ser vendida em outras cidades ou outros estados do nosso País. Já desisti muitas vezes de participar de encontros ou até mesmo de feiras artesanais por falta de condições que jamais me foram ofertadas. Essa situação é muito difícil. Por outro lado, sou uma artesã muito feliz por ter alguns dos meus artesanatos espalhados pelo nosso País e até mesmo no exterior.

I*vanilda da ocha Silva*





Internet em nossas aldeias

A Internet é, como diz o ditado popular, uma "faca de dois gumes". A maneira como ela será utilizada é que dirá se ela contribui de forma positiva ou negativa para alguém ou algum lugar.

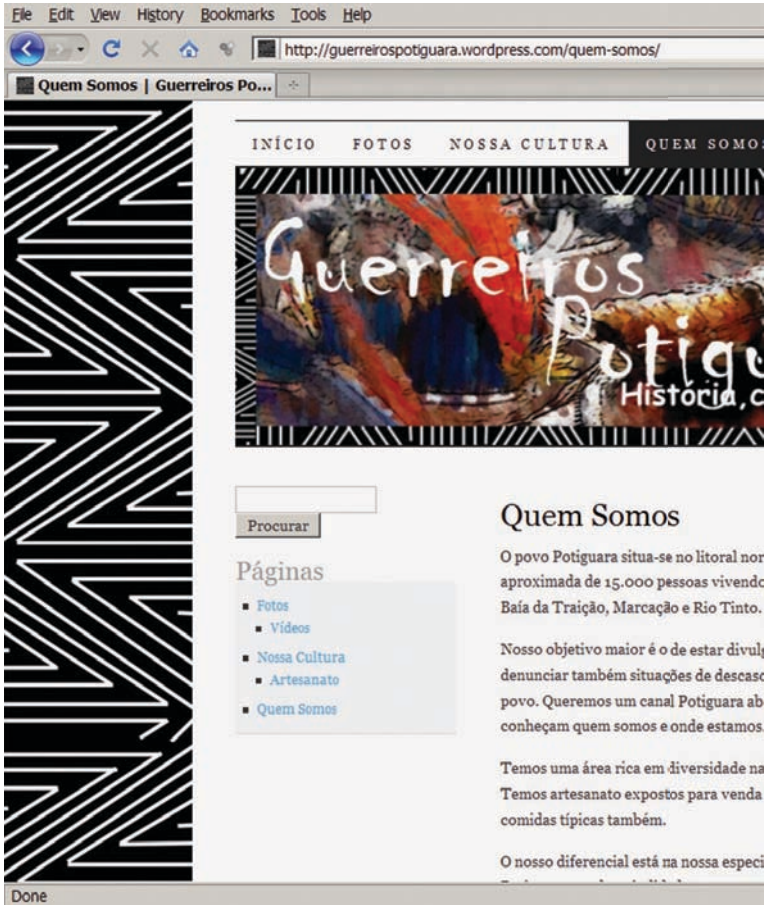
Para o nosso povo a Internet chegou há alguns anos, e hoje está se popularizando, principalmente entre os jovens. No início, acessava-se nas *lan houses* da cidade, mas atualmente já temos casas que possuem computador com conexão. Além disso, também existe um telecentro na aldeia Cumaru, no município de Baía da Traição (PB).

Foi com a Internet que conseguimos estar mais conectados com a sociedade envolvente, tomando conhecimento de tudo que acontece fora de nossas aldeias, em uma amplitude maior do que a televisão e o rádio nos proporcionam. Com esse meio de comunicação é que também foi possível estabelecer uma relação mais próxima com outros povos indígenas e, dessa forma, fortalecer o nosso movimento.

"Estar conectado à Internet ajuda a encurtar as distâncias entre nós e outros povos".

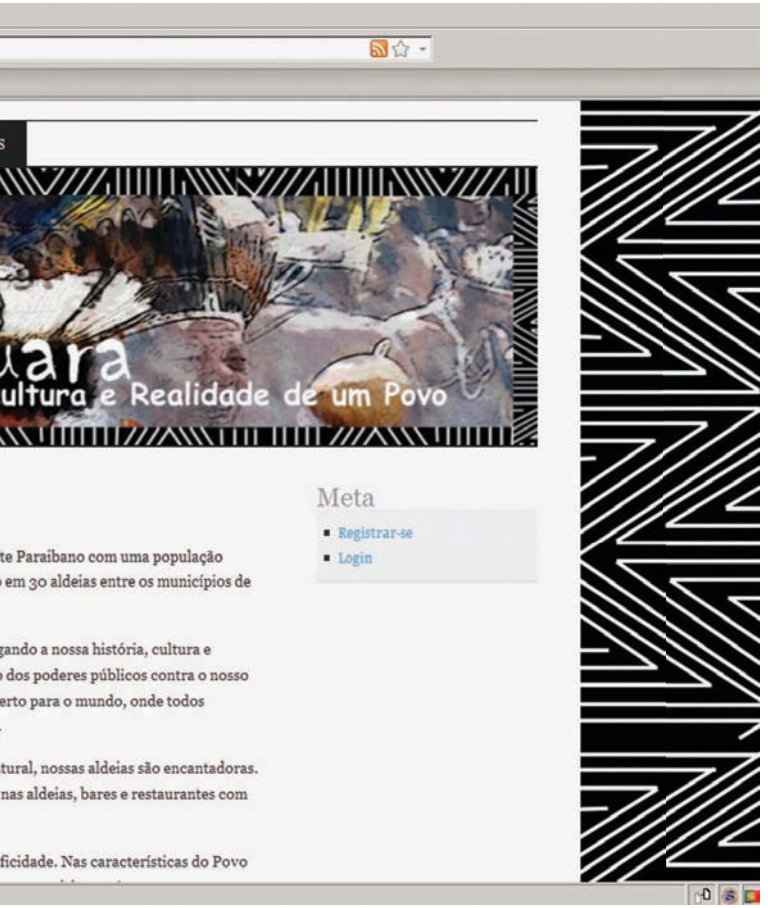
Poran Potiguara

É através da Internet que podemos divulgar a realidade em que vivemos, com



a criação de comunidades em redes sociais, participação em programas de bate-papo, sites, blogs, entre outros espaços virtuais.

Executamos esse trabalho de divulgação desde 2005, quando alguns jovens de nosso povo começaram a participar do site Índios Online (www.indiosonline.org.br) uma rede colaborativa onde nós,



povos indígenas, somos os protagonistas e autores de nossa própria história. Fazendo parte desse espaço conseguimos repassar para muitas pessoas um pouco da nossa realidade e também denunciar as irregularidades dentro de nossa área.

"Através da Internet nós conseguimos divulgar o que acontece em nossas aldeias e também denunciar algum problema que esteja acontecendo, como é o caso da casa de farinha da aldeia Carneira que, apesar de ter o dinheiro, não foi finalizada e está parada, pois não tem forno."

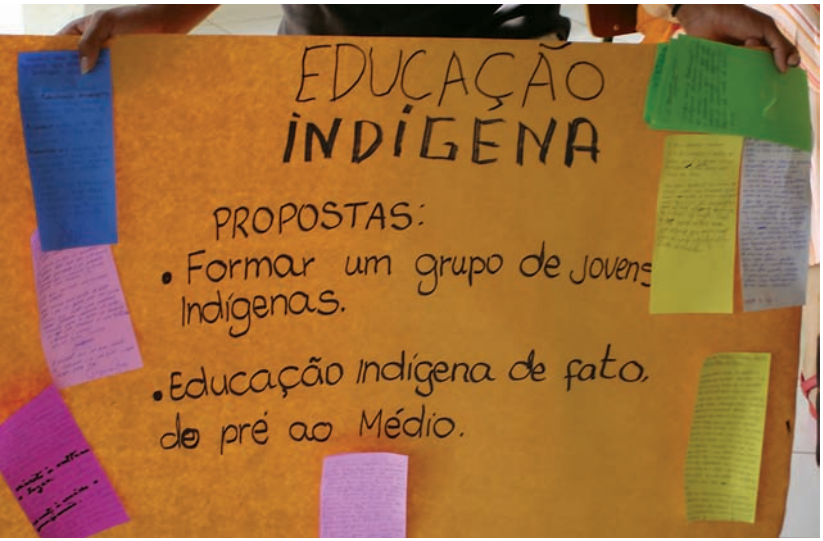
Ybotyra Potiguara

Também temos uma comunidade no Orkut chamada Sou Potiguara, com o intuito de reunir nessa rede social os Potiguara online e também as pessoas que simpatizam e são colaboradores de nosso povo, que já conta com a participação de aproximadamente 250 membros.

Mais recentemente estamos construindo um blog intitulado Guerreiros Potiguara (http://guerreirospotiguara.wordpress.com), um ambiente onde nosso objetivo maior é o de estar divulgando a nossa história e cultura desmistificando a imagem que as pessoas fazem do que é ser índio e denunciar também situações de descaso dos poderes públicos contra o nosso povo. Queremos um canal Potiguara aberto para o mundo, onde todos conheçam quem somos, onde estamos e como vivemos.

Muitos podem pensar que o contato com as novas tecnologias, entre elas a Internet, nos torne "menos índios", e também nos distancie da nossa cultura, mas a meu ver isso não ocorre. Esse pensamento existe porque as pessoas ainda têm em mente um estereótipo de índio do passado, aquele que andava nu e vivia no mato, e nos ver hoje, com as mudanças

pelas quais passamos, incomoda.
Como seria se ficássemos alheios a tudo, o mundo evoluísse e nós permanecêssemos intactos esposta simples: Seríamos engolidos por essa chamada globalização.



O intuito de estarmos cada vez mais buscando saber e nos apropriar das tecnologias da "sociedade globalizada" é de conseguir mecanismos para lutar pelos nossos direitos, conhecer tudo o que nos cerca e dessa forma preservar o nosso modo de vida e o nosso território.

Irembé *Potiguara Magna* Lima
potiguara indiosonline.org.br

O CONHECIMENTO É NOSSA ARMA

Hoje sabemos que o conhecimento e o aprendizado trazem para nós um grito de liberdade. Através do conhecimento podemos dialogar com outras pessoas e com os poderes públicos também, para buscar condições de vida melhor para nosso povo.
Os nossos pais e avós contam que estudar no tempo deles era muito difícil e que hoje a facilidade é maior. Quase todas as aldeias têm escola, seja do município ou do estado, e isso ajuda as crianças a estudar sem sair do lugar onde moram. O ensino é diferenciado, ou seja, além de estudarmos o conteúdo que o não índio estuda, também aprendemos mais sobre a história do nosso povo. Temos aula de etnohistória, de língua tupi, arte e cultura potiguara. A força das palavras pode colaborar muito em nossas vidas.
Nós Potiguara sabemos que ainda existem poucas oportunidades de completar cursos técnicos e superiores, mas não desistimos de tentar ocupar esses lugares que são importantes para





nós.

Hoje temos um grande número de parentes do nosso povo estudando nas universidades, mas não foi fácil conseguir. Persistimos, reivindicamos e mostramos que temos o direito de receber uma educação de qualidade, capaz de melhorar a vida do nosso povo Potiguara.

Na Universidade de Brasília temos quatro parentes, dois estudam Nutrição, um estuda Engenharia Florestal e o outro cursa Agronomia. Apesar de estarem longe das aldeias, todos eles têm o compromisso de voltar e colocar em prática o que aprenderam. Na Universidade Federal da Paraíba e em outras universidades particulares temos muitos parentes estudando. Já durante o curso eles trabalham dentro das nossas aldeias, mostrando o que aprenderam.



Eu sou formada em técnico de Enfermagem e trabalho com o meu povo há alguns anos. Também estou cursando Pedagogia, sempre visando ajudar nosso povo no que eles precisarem. Acho muito importante contribuir na minha aldeia, pois assim eu consigo repassar os conhecimentos que adquiri e aplicá-los.

Somos pessoas que precisam de formação nas diversas áreas com as quais nos identificamos. Só assim contribuiremos para diminuir as necessidades das nossas aldeias, assistindo-as da melhor maneira.

Michele Benedito da Silva







A Lagoa Encantada

A agoa Encantada é uma das belezas naturais guardadas pelo nosso povo e está localizada na aldeia agoa do Mato. A origem do seu nome se deve às muitas histórias que existem sobre a lagoa, que contam da magia que envolve o local.

Muitos dizem que existe um navio no fundo das águas e que a sua âncora está presa em uma árvore na nascente da lagoa. Falam ainda que se as pessoas se empolgam no banho se distanciando das margens são surpreendidas por algo que puxa suas pernas.

Entre essas tantas versões dos encantamentos da lagoa ona Maria Antônia, moradora da aldeia, conta o que aconteceu com ela.

Quando ela era jovem catava mangaba na beira da agoa Encantada e em uma dessas idas ela estava com uma amiga quando viu um caranguejo grande e bonito sair das águas da Encantada. Quando ona Maria corria para pegar o caranguejo ele aparecia em outro local. Ela tentou junto com a amiga por tempos pegar o caranguejo, mas não conseguiu, pois ele desapareceu dentro das águas novamente.

 ona Maria diz também escutar dos mais velhos que no local existe ouro no fundo da lagoa e também que quem toma banho com algum objeto de ouro ele acaba desaparecendo.

Essas e tantas outras histórias sobre o encantamento da lagoa só fortalecem a crença de que algo existe para que ela tenha recebido esse nome. Independente da versão que se escolha acreditar, ou mesmo que não acredite em nenhuma delas, algo misterioso existe no lugar.

Independente de nossas histórias Potiguara todos concordam que o lugar é maravilhoso e nos convida a contemplar a magia da natureza.

Bruno Potiguara Caci ue Comadre
essé Potiguara Irembé Potiguara
Maria Ant nia aíssa Potiguara



A Criança Potiguara

Ser uma criança Potiguara para mim é fazer parte de uma comunidade familiar pois vivemos entre laços familiares.

Penso que no futuro por a maioria das pessoas da minha comunidade serem humildes posso ajudá-los na sua saúde, pois planejo me formar em medicina.

Faço parte de um povo histórico, povo sofrido, mas que vem aprendendo do buscar seu lugar na sociedade. Somos povo guerreiro e não desistimos dos nossos ideais.

Sei que vou enfrentar vários obstáculos na minha vida, mas eus está comigo lutando contra todos eles, pois ele tem algo de especial preparado para mim. Não vou desistir de ser médica, pois pretendo ajudar o meu povo e outras pessoas que precisem dos meus serviços profissionais.

Acho que toda criança Potiguara sonha em ter uma boa profissão, ser atuante na vida de seu povo, ter uma família linda e juntos compartilhar do fruto que foi plantado.

Tenho sangue indígena e tenho orgulho de ser Potiguara.



Agradeço a minha mãe por estar me ajudando e torcendo pelo meu sucesso na vida profissional.

ath lia aldino anos

A criança Potiguara

Ser uma criança Potiguara Para mim é fazer Parte de uma comunidade familiar Pois Vivemos entre laços familiares. Penso que no futuro Por a maioria das Pessoas da minha comunidade serem humildes Posso ajudá-los na sua saúde Pois Planejo me formar em medicina.

Faço Parte de um Povo historico, Povo sofrido, mas que vem aprendendo buscar seu lugar na sociedade. Somos Povo guerreiro e não desistimos dos nossos ideais.

Sei que Vou enfrentar Vários obstáculos na minha Vida, mas Deus estar comigo lutando contra todos eles, Pois ele tem algo de especial Preparado Para mim. Não Vou desistir de ser médica, Pois Pretendo ajudar o meu Povo e outras Pessoas que Precisem dos meus Serviços Profissionais.

Acho que toda criança Potiguara sonha em ter uma boa Profissão, ser atuante na Vida de seu Povo ter uma familia lin-

Os perigos da luta

O movimento indígena é marcado pelos inúmeros casos de violência contra as lideranças que buscam reivindicar os direitos de seus povos. Pessoas que doam suas vidas para a luta pelo direito à saúde, educação e a demarcação de seus territórios.

Podemos citar vários casos de violência contra os povos indígenas, tais como a prisão do cacique Babau e da cacique aldelice do povo Tupinambá, o assassinato do cacique ição ukuru e a tentativa de assassinato do seu filho Marcos, o atual cacique desse povo.

Nós Potiguara não ficamos alheios a essa violência, também sofremos muito com o preconceito e as ameaças vindas de não índios. urante as retomadas nossas lideranças receberam muitas ameaças de





usineiros, e mesmo depois da terra demarcada os latifundiários ainda tentam se infiltrar em nossa área.

Um caso muito marcante para nós foi o atentado sofrido pelo cacique Aníbal, grande liderança Potiguara, representante da aldeia Jaraguá.

Na noite de 22 de março de 200 o cacique estava em sua casa com a esposa e os filhos quando foi surpreendido por dois homens encapuzados e armados que dispararam contra ele. Aníbal sofreu quatro tiros e ficou caído no chão de sua casa enquanto os bandidos fugiram.

Seu filho caiu ao seu lado gritando desesperado pedindo para que ele não morresse. Sua esposa foi pedir socorro.

A notícia se espalhou rapidamente entre nosso povo enquanto o cacique era levado às pressas para João Pessoa. Todos acreditavam que Aníbal morreria, mas

com as bênçãos de nosso pai Tupã ele foi se recuperando aos poucos, passou por algumas cirurgias e com o tempo foi melhorando.

As lideranças Potiguara buscaram articular-se com as entidades e políticos parceiros para lutar por justiça no caso Aníbal. Ele teve que sair de sua aldeia e ser escondido em outro lugar enquanto a situação "estava muito quente".

Ainda em recuperação, no dia de Abril de 200 o cacique encontrava-se entre seus parentes no grande Toré na aldeia São Francisco com a participação de todas as aldeias Potiguara. Esse foi um momento de grande emoção para nosso povo.

No decorrer do ano de 200 foram insistentes as reivindicações do nosso povo e de todos os nossos parceiros por justiça e pela prisão dos bandidos que tentaram matar o cacique Aníbal. As pessoas nas aldeias e as próprias lideranças já tinham seus suspeitos, mas a Polícia Federal não agia.

Com o apoio do deputado federal uiz Couto, grande parceiro do povo Potiguara, e a comissão de ireitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba, da qual a liderança Capitão Potiguara é membro, conseguimos articular a Secretaria Especial de ireitos Humanos da Presidência da epública para discutir a situação do cacique Aníbal.

árias audiências foram realizadas na aldeia Jaraguá para discutir o andamento dos trabalhos sobre o caso e também sobre as medidas de proteção que deviam ser tomadas para que o cacique pudesse viver em sua aldeia com tran-





quilidade. Aníbal foi incluído no serviço de apoio e proteção aos defensores de direitos humanos, mas mesmo assim continuou a receber ameaças.

Ele ainda vive com receio de que algo possa acontecer com ele ou com sua família e por isso não pode voltar para casa. Atualmente mora dentro da aldeia, mas em um local mais protegido.

O tempo passa e os bandidos que realizaram o atentado contra o cacique Aníbal não foram presos. A justiça dos homens é lenta, mas a justiça divina não falha e estamos certos de que um dia tudo será solucionado e eles pagarão pelo mal que fizeram.

Se pensaram que com isso intimidariam nosso povo, enganaram-se, pois isso só nos fortaleceu e nos uniu ainda mais.

A nossa luta não para e estaremos incansáveis buscando o melhor para nós Potiguara, doa a quem doer. Somos guerreiros do itoral Norte paraibano e não pararemos lutar por dignidade e por oferecer um futuro melhor a nossas crianças.

Bruno Potiguara essé Potiguara Irembé Potiguara Isaías Potiguara aíssa Potiguara



Retomando o que é nosso

O início para a grande retomada da aldeia Três ios foi no ano de , quando fechamos a B que dá acesso à cidade de io Tinto. Tivemos reunião com o juiz da comarca de io Tinto, a Universidade Federal da Paraíba e o comandante da Polícia Militar do município de Mamanguape. A polícia pressionou muito para não fazermos plantação e também para que desocupássemos a área, mas resistimos com o apoio dos nossos parceiros e permanecemos na nossa terra.

Em agosto de 200 demos continuidade ao trabalho. Na manhã do dia eu, Capitão, fui comunicado pelo cacique Bel que os usineiros tinham mandado arrancar a roça que havia na aldeia. iante disso, nosso povo, como forma de impedir que os usineiros arrancassem a roça e para pressionar a demarcação de nossa área, apreendeu alguns veículos da usina. Acionei os Procuradores uciano Maia e uciran Farena e também a Comissão de ireitos Humanos da Universidade e a imprensa.



Construímos barracas e ficamos acampados durante meses. Nesse tempo sempre enviamos documentos para as autoridades do governo e para organizações internacionais, relatando nos-

sa situação e pedindo pela demarcação de nossa terra.

urante esse período os capangas da usina rodeavam o acampamento e atiravam, sempre de madrugada. A gente mantinha a vigilância e também pedimos ao procurador que nos desse o mínimo de segurança e ele encarregou a Polícia Federal de nos dar apoio.



Com o intuito de pressionar o governo para agilizar o processo demarcatório, ocupamos a sede da FUNAI, em João Pessoa. Através dessa ação e também da articulação que realizamos em Brasília com o deputado federal uiz Couto, o deputado estadual anieri Paulino, e também nas reuniões da Comissão Nacional de Política Indigenista, da qual faço parte, fomos vitoriosos. Em dezembro de 200 o então Ministro da Justiça, Tarso Genro, assinou a Portaria de demarcação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór.

Capitão Potiguara

Relato de Josecy

Meu nome é Josec , sou vice-cacique da aldeia Três ios. Já tô na luta com mais de treze anos e a retomada aqui, que hoje a gente vive, foi muito difícil pra nós, como ainda está sendo.

Numa segunda-feira, às 5 horas da manhã, entramos aqui na retomada com pouca gente, mas a gente ficou até hoje.

epois foi chegando o pessoal de Monte-mór e Jaraguá, foi quem deu um apoio. O pessoal lá do Forte, Capitão com a família, Caboquinho com a família dele, e mais outras lideranças. E a gente ficou aqui arrancando toco de cana, plantando lavoura e daí a gente começou.

Tivemos apoios dos órgãos que até hoje nos apoiam: CIMI, Procuradoria, Universidade, FUNAI, FUNASA também, que deu apoio na saúde. aí a gente foi sempre com esse pensamento de ficar. Antes, todos os índios que moram hoje dentro de Três ios moravam todos na cidade.





Eu passei noventa dias sem ir na minha casa. O pessoal da minha comunidade que mora aqui, todo mundo me conhece, sabe onde eu moro, onde eu nasci. Ameaça não falta de ter, chamada de juiz a gente sempre tem, a gente vai para defender aqui o nosso povo, nosso território, que é a terra. E daí sempre lutando com o apoio de nossos parentes, viajando para Brasília com apoio dos deputados.

Mas a quem a gente ia lá fora procurar sem ter conhecimento Com quem a gente ia falar Mas a gente tinha duas pessoas importantes aqui de nossa terra, o cacique geral Caboquinho e Capitão, essas pessoas são muito importantes na luta.

Nós aqui dentro somos ameaçados, o cacique que tá de frente vive sempre sendo mal visto pela usina. Faz até medo a gente sair fora de hora, a gente tem sempre que andar acompanhado.

Nós somos as lideranças que brigam pelo nosso povo, pelo direito do nosso povo. O que se vê aqui hoje foi através de nossa luta. A gente não podia andar aqui dentro com os capangas tudo armado de "doze". Hoje estamos livres.

Hoje, aqui dentro de Três ios temos uma base de duzentas famílias trabalhando. Como é que a gente ia sobreviver se não tinha emprego Ia pra São Paulo e io como era antes Não. Nós que temos que viver aqui dentro, dar valor a nossa terra.

Somos nós que é filho natural daqui, que tem que sobreviver desta terra e não o povo de fora. Nós entramos na luta e estamos aí.

Tempo de sofrimento

A aldeia Jaraguá é marcada até hoje pela presença da Companhia de Tecidos io Tinto, que tem como donos a família undgren. Foi um tempo de muita a´ição para nossos parentes que moravam em Jaraguá, porque não podiam dizer que eram índios. Se dissessem eram ameaçados de morte. Os que trabalhavam na fábrica de tecidos moravam em casas que a Companhia cedia aos trabalhadores, mas só enquanto eles fossem funcionários. Quando eram dispensados, só recebiam a remuneração se entregassem a chave da casa onde estavam morando. Muitos parentes nossos trabalhavam para os undgren. No século passado, a família undgren construiu um casarão dentro do nosso território que muitos dizem ter sido para receber o nazista Hitler. Foi nesse casarão que aconteceram diversos episódios de massacre contra os nossos parentes Potiguara. Nele funcionava a sala de julgamento, onde castigaram muitos dos nossos, porque dificilmente um índio era inocentado. Naquele período, quando nossos parentes tentaram invadir o casarão, houve um derramamento de sangue muito grande. Muitos Potiguara foram queimados dentro de suas casas, sem poder fazer nada para se defender. Até pouco tempo atrás nós não tínhamos acesso ao casarão, mesmo









ele estando em nossa terra. Mas com a demarcação pudemos tomar posse dele e usá-lo para outros fins. Hoje o casarão serve de espaço para reuniões do nosso povo e também de escola para nossas crianças. Seu José conta um pouco do que sabe:



A Companhia io Tinto não queria que dissesse assim: Eu sou índio. Se dissesse que era índio e ela soubesse, ou mandava matar ou mandava retirar aquela pessoa de qualquer jeito. Quem tava doido de dizer

Tinha um cabôco chamado Horácio que morava cá em cima e chegou seu Anilo, que era pessoa do coroné, um revolvão do lado e o coroné com revólver também. O velho, doente, deitado numa rede, aí ele disse assim:

Anilo: iga cabôco safado, de quem é isso aqui

Horácio: É da Companhia.

Anilo: Queria que você dissesse que era dos índios que eu ia dar a carga desse revólver todinho na sua boca.

E eu assim em pé escutando. Ele disse que aqui não queria ver nenhum cabôco. Com uns dias o velho Horácio morreu.

Quando eu entrei na fábrica tava com catorze anos. Eu fui trabalhar de tecelão. Tinha muito índio que trabalhava na fábrica. Eu trabalhava na seção de caldeira quando disseram que um

contínuo trabalhador tinha roubado dinheiro da fábrica io Tinto. Aí pegaram esse contínuo, prenderam e levaram para caldeira. izem que jogaram ele dentro, mas eu não vi.

Tinham doze vigias perigosos só pra essas coisas. Meu tio mesmo saiu da ila Monte-mór em 0. Ele foi morar na Grupiuna. Eles pegaram doze vigias e levaram pra meu tio dizer que a terra dele era da Companhia io Tinto.

urou quarenta e dois anos essa questão, meu tio com a Companhia. O que é que valia meu tio Meu tio era um cabôco, não podia pagar um carro pra ir pra João Pessoa. Mas no meio desses vigias tinha um conhecido do meu tio que avisava: Seu Paulo, o senhor saia de casa porque meia noite nós vem buscar o senhor. Eu venho porque sou obrigado, a gente vem pra lhe levar.

Meu tio se escondia na mata quando dava a hora certa. e oito pra dez da noite, riscava o caminhão caçando ele. Quando eles foi embora, meu tio saiu. Meu tio foi pra João Pessoa a pé atrás do r. José Fernandes. O r. fazia um precatório carta e mandava ele levar pra companhia. Aí eles passavam um tempo sem mexê com meu tio. epois de muito tempo quem ganhou foi meu tio. Eu saí da fábrica em 5 de Santana julho de 52.

essé Potiguara ˆosé Medeiros







Juventude atuante

A participação dos jovens indígenas Potiguara atualmente é decorrente dos conhecimentos adquiridos na relação com os anciões e da vivência dentro das aldeias.

É desse conhecimento, e percebendo as lideranças mais velhas como exemplo a ser seguido, que a juventude Potiguara está mais envolvida com o movimento indígena e a partir daí cada vez mais atuante na revitalização de sua cultura para não deixá-la morrer.

Os jovens antes não tinham direito de se posicionarem sobre os diversos assuntos relacionados às questões Potiguara, ficando isso a cargo das lideranças. Mas com o passar do tempo e com o aprendizado adquirido pela juventude nós fomos ocupando espaço para contribuir

cont p *g*







com o nosso povo.

Hoje a juventude Potiguara tem ganhado mais visibilidade, pois está se organizando para contribuir na luta. Exemplo disso é a OJIP-PB (Organização dos Jovens Indígenas Potiguara da Paraíba), espaço de articulação e discussão da juventude Potiguara. Com isso, percebe-se o maior envolvimento dos jovens na área da educação, política, saúde, questões territoriais e em várias outras.

Para os mais velhos, as crianças e jovens são o futuro do nosso povo, pois são eles que darão continuidade à trajetória Potiguara. Mas como jovem eu vejo que não somos apenas o futuro, somos também parte do presente. Se não despertarmos e nos envolvermos com o movimento indígena hoje, como será a formação de nossas lideranças mais adiante

Também vejo, como jovem indígena, que com cada criança que nasce dentro do nosso povo surge um novo guerreiro ou uma nova guerreira. As aldeias devem perceber sua obrigação de contribuir para a formação dos jovens para que estes saibam dos seus direitos e deveres. Somente assim eles poderão continuar a caminhada com a força que os Potiguara têm.

aissa Potiguara







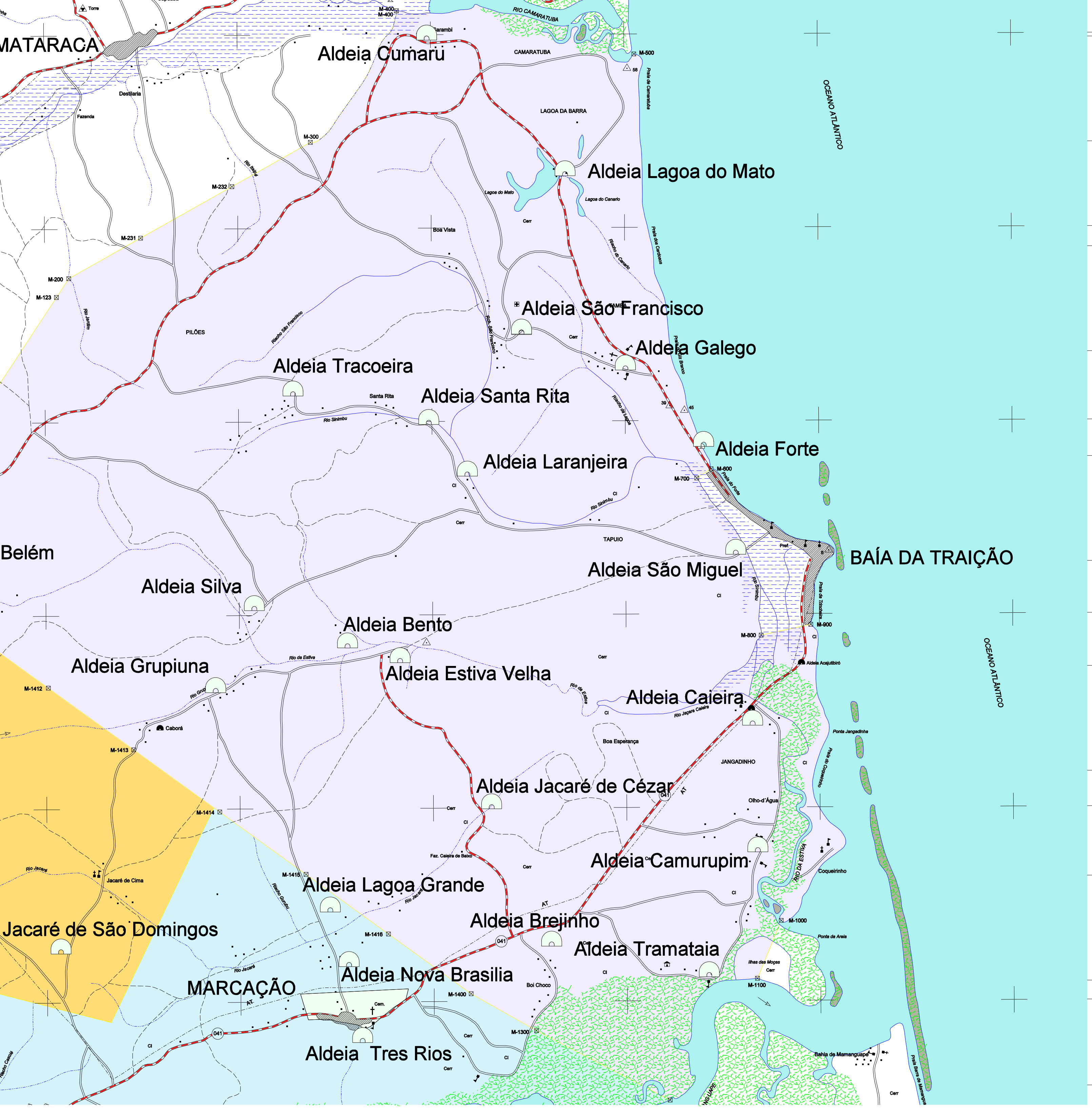
As aldeias

Cheguei pra alar das aldeias
ue devo alar
os índios pede a terra de volta
e alguém não uer dar
Boa ista até Tracueira
também t na lista
Santa ita e São Francisco
devemos adorar
o alego o Caci ue a uel
em primeiro lugar
ou ao Forte a sede central
ue nos pode apoiar
Tramataia Camurupim
é beira do mar
Silva e Bento
ˆacaré de São
‘ omingos
eu também vou
pra l
rupiuna stiva
elha
o meu povo é de
é
ˆacaré de Cé ar
os teus este-
os têm muita
mulher
ou na vila rece-
ber a mensagem
do meu São
Miguel
Laran eira passei
por você
mas ainda vou lhe
panhar
com rutos doces
ue a nature a e a terra
d
Cumaru de um povo
humilde
pois eu sou de l

uís Benedito da Silva







MATARACA
Aldeia Cumaru
CAMARATUBA
RIO CAMARATUBA
LAGOA DA BARRA
OCEANO ATLÂNTICO
Aldeia Lagoa do Mato
Lagoa do Mato
Lagoa do Canario
Boa Vista
Aldeia São Francisco
Aldeia Galego
PILÕES
Aldeia Tracoeira
Santa Rita
Aldeia Santa Rita
Rio Sinimbu
Aldeia Forte
Aldeia Laranjeira
TAPUIO
Belém
BAÍA DA TRAIÇÃO
Aldeia São Miguel
Aldeia Silva
Aldeia Bento
Rio da Estiva
Aldeia Grupiuna
Aldeia Estiva Velha
Aldeia Acajutibiró
Aldeia Caieira
Caborá
Boa Esperança
JANGADINHO
Aldeia Jacaré de Cézar
Olho-d'Água
Aldeia Camurupim
Coqueirinho
Jacaré de Cima
Aldeia Lagoa Grande
Aldeia Brejinho
Jacaré de São Domingos
Aldeia Tramataia
Aldeia Nova Brasilia
MARCAÇÃO
Boi Choco
Ilhas das Moças
Aldeia Tres Rios
Bahia de Mamanguape

Somos capazes de construir



ocê precisa conhecer o Cumaru
a humildade é igual meu coração
ão temos m uinas para limpe a dos rios
tamos cavando com as nossas pr prias mãos
Mas mesmo assim o Cumaru se mani esta
Fa suas estas do eito
ue o povo uer
s pescadores vão pescar o camarão no pantanal
brigando com acaré
A energia chegou sem n s esperar
Foi uma luta trabalhando mesmo assim
Com vinte homens nadando arrastando um poste
uase morrendo no poço do Angelim
Mas a picada dessa linda energia
a engenheira a Falcão vou apresentar
oi doutora oice chamada beira molhada
ue e o curso com miolo do uc
u agradeço a ˆesus primeiramente
Segundo FAC ue nos a udou também
˜ universidade trabalhou pelo meu povo
por isso ho e estamos de parabéns

uís Benedito da Silva





Meio ambiente

Nós Potiguara temos um meio ambiente riquíssimo, com uma imensa biodiversidade. A leste temos nossa terra banhada pelo Oceano Atlântico, a presença de manguezais enriquece ainda mais essa beleza. É dos manguezais que tiramos parte de nossa alimentação diária (caranguejos, ostras, mariscos e etc.). As aldeias são todas banhadas por rios, e o principal deles é o Sinimbu, não apenas pelo seu tamanho, mas por sua contribuição socioeconômica. O mesmo nasce nas aldeias Tracoeira e São Francisco, ambas no município de Baía da Traição (PB), e deságua no Oceano Atlântico, junto ao estuário do io Mamanguape, em Coqueirinho, Marcação (PB), dentro do Território Indígena Potiguara.



Ao norte está localizado nosso pântano, situado na aldeia Cumaru. Nele encontramos muito jacarés, camarão, cobras, enfim, todo pântano possui uma diversidade enorme. É dele que os moradores tiram o sustento com a pesca daquilo que é mais precioso aos Potiguara, o camarão. Ainda existe uma grande comunidade de jacarés presente no pântano, mas isso não atrapalha em nada, pelo contrário, só o torna mais belo. Temos também, algumas matas, recheadas de caça e uma grande variedade de árvores. Algumas possuem "furnas" (espécie de caverna), enriquecendo ainda mais o ambiente. As lagoas têm enriquecido nossos olhos, pois suas belezas naturais são inquestionáveis, sem falar em seus contos, como é o caso da agoa Encantada. Enfim, o povo Potiguara tem uma riqueza inestimável e, como todos os povos indígenas do mundo, somos abençoados pela natureza e vivemos em plena harmonia com ela.

Poran Potiguara

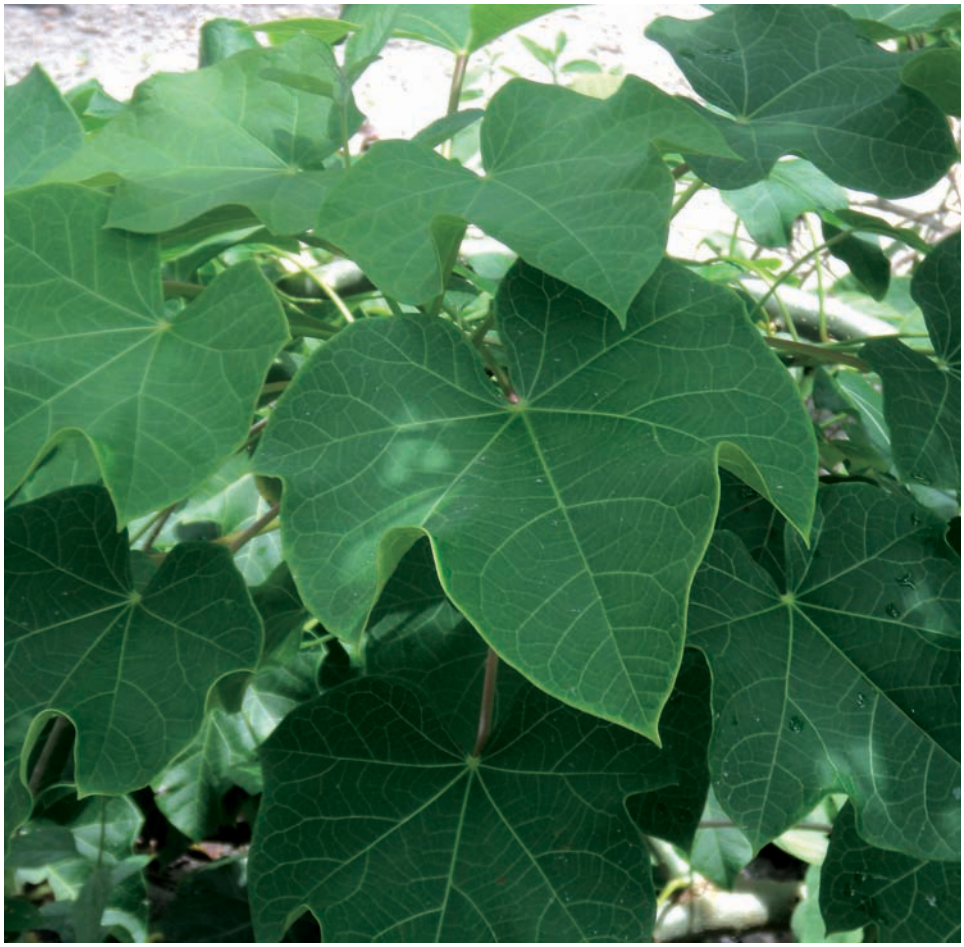
Plantas para curar

A nossa terra é muito rica e além das árvores frutíferas também temos plantas que usamos para curar as doenças.
Este conhecimento de usar plantas e ervas como remédio entre nós Potiguara é passado de pai para filho desde muito tempo. Nas rodas de conversa, os mais velhos sempre falam de como usavam e ainda fazem uso das plantas para melhorar a saúde, e assim podemos também, quando necessário, utilizar esses remédios caseiros a nosso favor.
Os anciões de nossas aldeias conhecem bem essas histórias. ona Maria José mora na aldeia São Francisco e com seus 0 anos tem muita coisa a ensinar. Ela sempre conta das suas experiências com as ervas e plantas medicinais e nós guardamos na memória para quando for preciso usar. Ela sempre tem uma receita para passar à família ou às demais pessoas da aldeia que pedem seus conselhos.



Conforme seu conhecimento, louro, capim santo e erva cidreira são calmantes. A primeira também é usada para aliviar dor de barriga e a segunda contra disenteria. Urtiga branca serve para vista¸ cebolinha branca para fazer lambedor¸ sabugueiro para febre e tosse. E o saião também serve para tosse. Colônia serve para fazer banho contra os males da febre e sinusite, a aroeira e o babatimão

são anti-in´ amatórios.
Para as crianças, a alfavaca é para dar banho contra a gripe, enquanto os adultos tomam o chá. Malva rosa e alecrim são usados para debelar a febre.
E ainda existe uma imensidão de plantas, tais como a amora e vassourinha de botão para machucado, quina-quina, pata de vaca, oiticica e guajiru (também chamada de guajuru) para controle do diabetes, mas todas elas devem ser usadas sempre com o devido cuidado e com o conhecimento necessário.
A raiz do catolé minha avó disse que usou para o meu avô se curar da próstata e ajudou muito.
O caroço do abacate e o trapiá ajudam com os problemas na coluna, o fedegoso é usado para esfregação e o caldo santo colabora para melhorar a asma. O macaçá ajuda a curar dor de ouvido. Outras doenças mais sérias também podem ser curadas ou amenizadas, a exemplo do A C, que para combater seus males pode-se usar o caroço do pinhão branco.



É dessa forma que ona Maria José e tantas outras pessoas mais velhas do nosso povo Potiguara vivem com boa saúde e qualidade de vida e ainda cumprem o lindo papel de passar esses ensinamentos adiante ajudando muitos parentes.
Acreditamos que nossos ancestrais dei-

xaram para nós exemplos de sabedoria sobre o valoroso conhecimento das plantas que curam. Essa transmissão de um para o outro faz parte da cultura tradicional do nosso povo. alorizando a importância do poder das plantas em forma de cura contribuímos para continuar nossa história melhorando a vida do povo Potiguara.

Irembé *Potiguara atali aldino*



Cultivando com amor

É de grande importância o cultivo das hortas orgânicas porque delas retiramos verduras, legumes e frutas de qualidade. Nas nossas hortas orgânicas somente utilizamos adubos e sementes naturais. Eu sempre irrigo minha horta com a água do poço artesiano.

Existem várias vantagens para quem consome e cultiva produtos orgânicos. A principal delas é a prevenção de doenças. Eu cuido da minha horta todos os dias e isso é muito bom para mim. Sinto como se fosse minha terapia, pois me faz relaxar tanto fisicamente como mentalmente. Assim tenho dias com mais saúde.

A minha horta fica no quintal da casa e nela plantamos coentro, tomate, cebolinha, couve, pimentão, hortelã miúdo, alface e mamão. Isso é bom, porque quando eu preciso de alguma coisa, é só ir ao quintal buscar e já economizo dinheiro.

Nós que trabalhamos com horta orgânica não utilizamos agrotóxicos






nem conservantes químicos, tudo é natural. Amamos mexer com a terra, plantando, cuidando e colhendo alimentos naturais. Conseguimos assim manter uma alimentação mais saudável para toda nossa família.

Quando a produção é farta nós também vendemos. Os compradores gostam muito de verduras sadias e frescas colhidas na hora.

Maria de Lourdes





Surf e tradição

Muitos povos indígenas sofrem preconceitos pelo simples fato de serem índios, morarem em aldeias, andar nus. Os indígenas da região Nordeste são alvo de preconceito justamente por não se enquadrarem no perfil do índio idealizado pela sociedade brasileira.

Nós índios somos muitos povos, com culturas diversas, vivenciando processos históricos diferentes Então, não somos iguais. Nossa diversidade é o que enriquece a cultura indígena e consequentemente a cultura brasileira. Não estamos mais isolados nas aldeias, vivemos no mundo em que todos vivem. Podemos fazer tudo que o não índio faz sem esquecer nossas raízes.

Um exemplo disso é a prática do *sur* pelo povo Potiguara. Quem disse que *sur* não é programa de índio Para o nosso povo esse esporte já virou parte do cotidiano das pessoas.

As crianças desde pequenas brincavam na praia de pegar onda com pedaços de madeira. ivendo próximos da sociedade envolvente, relacionaram-se com ela e conheceram e se interessaram pelo *sur* profissional.

Aos poucos a brincadeira de criança passou a ficar séria e com a realização de campeonatos nas praias das aldeias, alguns jovens Potiguara começaram a participar.

estacando-se nesse esporte nossos pequenos surfistas Potiguara viram um sonho se tornar realidade. Atualmente



temos jovens Potiguara em diversas modalidades profissionais do *sur* . Este é o caso de Elivelton Santos da Silva, de anos, e Edjane de Oliveira Terto, de

5 anos. Ambos reconhecem o valor da cultura e tradição de nosso povo e não acreditam que o *sur* faz com que eles se esqueçam de suas origens. Eles dizem o



que sentem com relação a isso nas palavras a seguir:

Sur é programa de índio

Edjane: Agora é, mas antigamente não.

Elivelton: É coisa de índio, desde algum tempo. Antes as pessoas surfavam com tauba tábua e hoje é com prancha.

Você sofre ou sofreu preconceito por ser Potiguara e surfista

Edjane: Já sofri, as pessoas me chamavam de homem, porque eu surfava. Muitos acham estranho ter índia surfista e quando eu chego em algum campeonato sempre perguntam se na aldeia tem praia e se tem muito índio surfista.

Elivelton: Ainda não. As pessoas valorizam o *sur* do índio. Eles dizem que eu tenho habilidade e estilo.

Como você consegue conciliar a evolução do surf com a tradição do nosso povo

Edjane: Não é difícil conciliar, tem um limite para cada coisa. Não é porque eu surfo que vou esquecer da minha tradição. Eu já era índia antes de surfar.

Elivelton: Não atrapalha. As pessoas reconhecem tanto o índio como o surfista. É fácil.

Qual a importância da cultura do nosso povo pra vocês

Edjane: A cultura do meu povo é importante porque nós tivemos a sorte de nascer com sangue de índio, e viver nossa tradição. Apesar dos muitos massacres sofridos nós ainda resistimos e temos que valorizar isso.

Elivelton: Eu participo do Toré que tem na aldeia e acho importante manter a cultura Potiguara.

Você recebe incentivo dos nossos parentes para continuar no surf

Edjane: No começo poucos incentivavam, mas quando eu comecei a sair da aldeia e participar

de campeonato eles viram que tinha resultado e futuro.

Elivelton: As pessoas incentivam e gostam quando eu chego na aldeia e digo que ganhei um campeonato.

uais são as suas e pectativas uturas com o sur

Edjane: Pretendo continuar surfando, buscando meus objetivos de ganhar campeonatos e ajudar minha família. Eu quero levar o nome dos Potiguara para fora fazendo com que meu povo se orgulhe de mim.

Elivelton: Continuar e manter meu estilo de sempre. Meu sonho de hoje é ser campeão brasileiro da categoria mirim. ou ser campeão e meu povo vai gostar.

Bruno Potiguara Irembê Potiguara

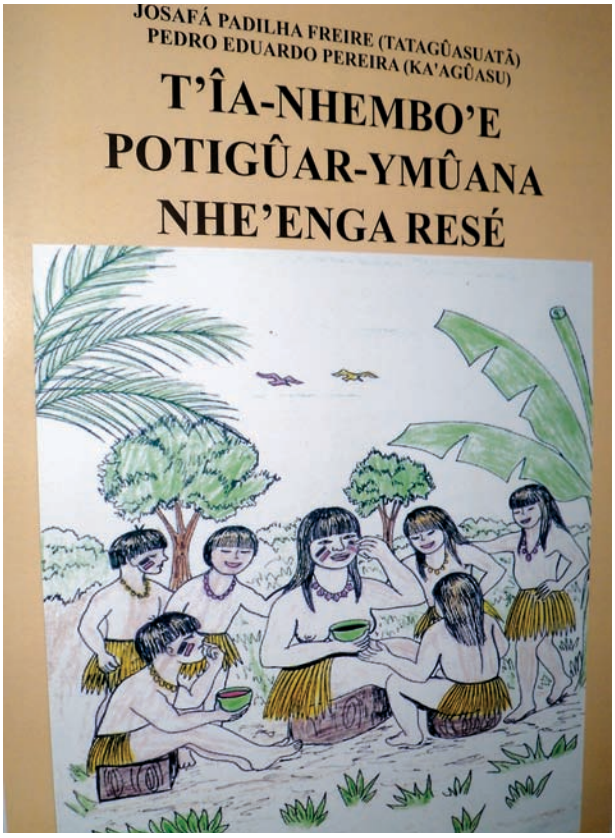


O Tupi

O Tupi era a língua falada pelos nossos guerreiros ancestrais Potiguara. Com a chegada dos invasores, a partir de 500, começou o massacre, e tudo foi mudando de uma forma monstruosa. Os invasores proibiram os nossos parentes de falar sua própria língua. Massacraram, espancaram e mataram muitos Potiguara. Tomaram nossas terras e roubaram nossas riquezas, mas não roubaram nossa dignidade, nosso sangue e nossa cultura.

urante muitos anos ficamos na esperança de conseguir falar novamente nossa língua ancestral, até que o sonho se tornou realidade. Apareceu um professor e pesquisador da USP (Universidade de São Paulo), Eduardo Navarro de Almeida, que nos auxiliou na revitalização de nossa língua Tupi. Ele formou um grupo de professores para que esses fossem multiplicadores junto aos demais parentes, fazendo com que a língua pudesse ser retomada pelos Potiguara.

Eu tinha apenas anos, mas já era um guerreiro Potiguara, e fui o primei-



ro adolescente a me interessar em aprender o Tupi. Eu estava muito apaixonado pela cultura do povo ao qual pertenço e pelo qual tenho muito orgulho, carinho e amor. Interessei-me mais e mais pelo Tupi e consegui aprender o básico. Não quis ficar só para mim. Na aldeia Forte existe uma associação da qual faço parte, a Toré Forte. Junto com todos os outros membros, formamos a Escolinha Criança Feliz (*nhembo esaba pytanga soryb*).

Nessa escola, ensinei Tupi às crianças como voluntário em 200 e 200 e em 20 0 fui convidado a lecionar Tupi nos colégios estaduais indígenas Índio Pedro Maximo de ima (aldeia Três ios) e r. José opes ibeiro (aldeia Monte-mór). Estou muito feliz por poder partilhar o que aprendi e ao mesmo tempo aprender novamente com todo o alunado.

A língua Tupi é parte indispensável da nação Potiguara e espero que todos os parentes do nosso povo guerreiro se interessem pela recuperação da nossa língua original e de toda a cultura com carinho e amor, porque um povo sem língua e sem cultura não é um povo.

Enquanto jovem Potiguara agradeço ao professor Eduardo por nos ter trazido a oportunidade de conhecer nosso idioma e também a todos nossos parentes que buscam manter a língua Tupi viva. Estarei sempre à disposição para defender, preservar e praticar nossa cultura Potiguara. Tupã-*t-o- iandé iruna*mo » que eus esteja conosco

I*saías Potiguara*

Formatura indígena

A minha formatura, em dezembro de 200 , foi a primeira a se realizar na Barra de Camaratuba. A maneira como realizamos as nossas formaturas procura fortalecer a nossa cultura Potiguara.

ela participam tanto os alunos da escola indígena Pedro Poti, como também as mães e os pais dos mesmos. Temos as formaturas dos concluintes do nono ano do fundamental, e os da terceira série do ensino médio.



A formatura da turma do nono ano acontece sempre no Terreiro Sagrado da aldeia São Francisco, enquanto a formatura da terceira série ocorre na Barra de Camaratuba. Participar desse evento é obrigatório para todos os formandos.

O ambiente natural na Barra de Camaratuba é muito lindo. A formatura acontece em uma ilha que surge com a maré baixa em um local onde as águas do rio e do mar se encontram. O ar é purificado pelas árvores que tornam o ambiente ainda mais agradável para uma experiência espiritual.

O discurso do diretor da escola abre a comemoração, seguido pelos professores. Um dos momentos mais importantes é o juramento dos alunos, primeiro em tupi, depois em português. Um aluno faz o juramento, e os demais repetem as palavras. Todo o juramento é voltado para o respeito com a nossa cultura e a natureza. ogo depois são entregues os certificados de conclusão do curso. Por fim, vem a dança do Toré, com todos reunidos com um só objetivo: viver a cultura indígena, valorizando a nossa identidade.

essé Potiguara





Organização Interna do Povo Potiguara

Atualmente o Povo Potiguara está organizado em um total de 2 aldeias, sendo que cada qual tem sua liderança ou cacique. Temos o cacique geral, um potiguara como coordenador técnico da FUNAI local e o capitão da nação Potiguara. Pelo outro lado, as associações locais fazem parte da organização das diversas aldeias. Todas elas são lideradas por indígenas, como, por exemplo, a OPIP (*rgani ação dos Pro essores Indígenas Potiguara da Paraíba*), a OJIP (*rgani ação dos ˆovens Indígenas Potiguara da Paraíba*), a OIP (*rgani ação Indígena Potiguara da Paraíba*), o COMIP (*Conselho das Mulheres Indígena Potiguara da Paraíba*), a SESAI (*Secretaria de Sa de Indígena Potiguara*). As mesmas têm a função de elaborar projetos e alocar recursos ou verbas, para a realização de várias ações em nossas aldeias.



Com essa forma de organização do povo Potiguara a realidade local tomou um novo rumo e a atuação das lideranças se tornou mais eficaz e direcionada. Cada cacique local responde pela sua aldeia, enquanto o cacique geral é responsável por todas elas. Há também o coordenador técnico, que é encarregado de administrar o PIN (*Posto Indígena Potiguara*) e procurar resolver problemas internos

sempre em anuência com as lideranças e cacique geral.

Por discutirmos e debatermos sempre todas as questões relacionadas ao convívio em nossas aldeias, a nossa organização conseguiu ser valorizada com grande reconhecimento. Antes da fundação dessas organizações a nossa realidade era completamente diferente. Tudo o que recebíamos do governo federal sempre vinha de cima para baixo e tinha que ser executado, caso contrário os recursos voltavam aos cofres do governo.



Nossa forma de organização é vista como um modelo. O presidente da FUNAI, Márcio Meira, afirmou durante uma assembléia na Pousada das Ocas, em Baía da Traição (PB), que se trata de uma política de organização que deveria ser referência para todo povo indígena do País.



Ailton Silva de Lima



Toré Potiguara

O "Toré" para a nação Potiguara não se resume apenas a uma expressão cultural, uma dança. O Toré é muito mais que isso. No decorrer do tempo ele tem sido a força do povo. É nele que buscamos consolo para os momentos tristes, força para enfrentar os combates. ançamos o Toré para comemorar algo, em homenagem a alguém ou até mesmo nos momentos de luto.

O ritual do Toré Potiguara tem suas particularidades. Não apenas por suas belíssimas músicas, mas pela forma que é dançado. Nós somos o único povo que dançamos em forma de complemento, ou seja, dançamos em círculo, um de frente para o outro e no ritmo da música vamos dançando e sempre complementando nosso irmão Potiguara. No nosso jeito diferente de dançar, formamos três círculos: mais centralizado e próximo aos tocadores ficam as crianças, mais externo, a comunidade, e no centro, as lideranças (caciques, pajé, chefe, etc.). Os tocadores sempre no meio entoam maravilhosos cantos, sempre acompanhados do bombo, caixa e ´auta. O nosso Toré maior se realiza todo ano no dia de abril, na aldeia São Francisco. eúne o maior número de pessoas possível e passamos o dia todo em ritual, honramos a memória de nossos guerreiros que já partiram e pedimos força para o nosso povo.

Poran Potiguara





Parteiras Tradicionais Potiguara

Uma atividade muito importante existente nas nossas aldeias é a das parteiras. Elas têm grande importância para o povo Potiguara e essa prática é preservada entre nós com muito carinho, apesar dos avanços da modernidade.

A senhora Maria Gabriel da Conceição, conhecida como ona Estela, tem 5 anos e desde jovem é uma das tantas mulheres que exerce a função de parteira no nosso povo. Sobre os partos que já realizou, ona Estela fala com orgulho que "graças a eus as crianças nasceram com saúde, nenhuma delas morreu".

"Nesses mais de vinte anos como parteira já perdi a conta de quantos meninos e meninas eu ajudei a vir ao mundo", afirma ona Estela.

No passado, o trabalho das parteiras no povo Potiguara era essencial e muito reconhecido, mas atualmente, com hospitais mais acessíveis, muitos médicos não vêem com bons olhos essa prática.

Com o intuito de fortalecer e preservar o trabalho das parteiras Potiguara essas mulheres criaram a A*ssociação das Parteiras Tradicionais Indígenas Potiguara* que reúne parteiras de todas as aldeias. Atualmente elas buscam apoio para continuar atuando dentro do território do nosso povo.

Com a associação, as parteiras almejam adquirir financiamento de projetos para aplicar em benefício do nosso povo. e acordo com a vice-coordenadora da associação, a Cacique Comadre, a associação preparou um projeto para custear a realização de encontros e palestras sobre o assunto e compra de material com o objetivo de melhorar a qualidade do trabalho das parteiras.

Unidas e organizadas as parteiras Potiguara ao longo do tempo conseguem manter vivo esse traço da nossa cultura.

Bruno Potiguara Irembé Potiguara

A Reza

Nós povo Potiguara temos muitas crenças, entre elas a cura através da fé. Em nossas aldeias existem rezadeiras e rezadores que são pessoas de fé e grande força espiritual que, com sua prática, colaboram para curar nossos parentes que precisam de ajuda.

ona Ninô, mulher Potiguara, é catadora de mangaba, artesã e rezadeira. "Tudo que eu sei foi minha mãe que me ensinou antes de ela morrer", afirma.

ona uzia Maria da Conceição, mãe de ona Ninô, era uma pessoa de muita fé e sempre estava com as portas de sua casa abertas para receber quem precisasse de auxílio.

Com o falecimento de sua mãe, ona Ninô recebeu a tarefa de continuar o trabalho com a reza.

"Faz três anos que eu rezo, e sempre que precisam os meus parentes me procuram", diz a rezadeira. "A cura não está em mim, e sim, na crença e na fé", acrescenta.

Um dia sua sobrinha amanheceu com um problema nos olhos que lhe impedia de enxergar direito. "Quando a menina acordou não enxergava bem porque um ramo vento mau bateu no olho dela, mas eu rezei e ela foi melhorando", diz ona Ninô.

Nesse caso, conforme ona Ninô, para a menina ficar curada de vez tinha que passar pela mão de três rezadores e foi o que fizeram. Com isso a menininha ficou curada.

Crenças como essa fortalecem a nossa fé e a cultura do nosso povo, pois as rezadeiras e rezadores são parte da história milenar de nós Potiguara.

Bruno Potiguara I*re*m*b*é *Potiguara*

Os Potiguara têm se apropriado das novas tecnologias de informação e comunicação para expressar suas realidades, buscar seus direitos, aprender, ensinar e se relacionar melhor com o mundo globalizado. Foi assim que, em 2006, a ONG Thydêwá começou a interagir com o povo Potiguara através de sua participação em duas das nossas iniciativas: ARCO DIGITAL e ÍNDIOS ON-LINE.

www.indiosonline.org.br

Prêmio Mídia Livre 2009

A Thydêwá está feliz de ter facilitado a publicação deste titulo, 15° da premiada coleção *ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS*.

Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade 2004 e 2009

Prêmio «Somos Patrimônio» 2008

Prêmio Mídia Livre 2010

THYDÊWÁ

A Thydêwá agradece a divulgação das realidades indígenas.

Os outros títulos da coleção estão disponíveis para download livre em www.indigenasdigitais.org.

Com este livro desejamos mostrar a verdadeira face do nosso povo, rompendo com a imagem equivocada que muitas pessoas têm sobre os povos indígenas. Esperamos que esse trabalho colabore para que se estabeleça um diálogo sobre igualdade e respeito às diferenças.

Irembé Potiguara



Realização: THYDÊWÁ

Apoio: BrazilFoundation 10 ANOS

Patrocínio: BNDES, Banco do Nordeste, Governo Federal Brasil País rico é país sem pobreza